

Comunicação & Cultura

n.º 5 | primavera-verão 08

Título
COMUNICAÇÃO & CULTURA

Directora
Isabel Capelo Gil

Editor
José Alfaro

Conselho Consultivo

Gabriele Brandstetter (Freie Universität Berlin), Elisabeth Bronfen (Universität Zürich), Marcial Murciano (Universitat Autònoma de Barcelona), Christiane Schönfeld (Huston School of Film, National University of Ireland), Michael Schudson (Journalism School, Columbia University, University of California, San Diego), Michel Walrave (Universiteit Antwerpen), Barbie Zelizer (Annenberg School for Communication, University of Pennsylvania)

Conselho Editorial

Aníbal Alves, Carlos Capucho, Estrela Serrano, Fernando Ilharco, Gustavo Cardoso, Isabel Ferin, Jorge Fazenda Lourenço, José Augusto Mourão, José Miguel Sardica, José Paquete de Oliveira, Manuel Pinto, Maria Augusta Babo, Maria Luísa Leal de Faria, Mário Jorge Torres, Mário Mesquita, Roberto Carneiro, Rogério Santos

Conselho de Redacção

Carla Ganito, Catarina Duff Burnay, Fátima Patrícia Dias, Maria Alexandra Lopes, Nelson Ribeiro, Rita Figueiras, Verónica Policarpo

Arbitragem

Aníbal Alves, Fernando Ilharco, Horácio Araújo, Isabel Ferin, José Miguel Sardica, Manuel Pinto, Maria Augusta Babo, Maria Luísa Leal de Faria, Mário Jorge Torres, Roberto Carneiro, Rogério Santos

Edição

Com uma periodicidade semestral, *Comunicação & Cultura* é uma revista da Faculdade de Ciências Humanas da UCP, editada pela editora Quimera

Artigos e recensões

A revista *Comunicação & Cultura* aceita propostas de artigos para publicação que se enquadrem na área das Ciências da Comunicação e da Cultura. Todos os elementos relativos a essas colaborações – normas de apresentação de artigos, temas dos próximos números, princípios gerais de candidaturas, contactos e datas – devem ser consultados no final desta publicação

Assinatura anual

Custo para Portugal e Espanha: 20 euros. Para outros países, contactar a editora. Os pedidos de assinatura devem ser dirigidos à editora Quimera: quimera@quimera-editores.com | www.quimera-editores.com | R. do Vale Formoso, 37, 1959-006 Lisboa | telefone: 21 845 59 50 | fax: 21 845 59 51

Revisão

Conceição Candeias

Impressão

Rolo & Filhos II, SA

Depósito legal: 258549/07

ISSN: 1646-4877

Solicita-se permuta. Exchange wanted. On prie l'échange.

Comunicação
& Cultura

n.º 5 | primavera-verão 08

mediatização
dá dor



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA | CECC - Centro de Estudos de Comunicação e Cultura FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS

Quimera

Índice

Editorial	
Mediatização da dor	11
LUÍSA LEAL DE FARIA	

dossier	19
----------------------	----

Morte em tempo de guerra	
Fotografias e a «Outra Guerra» no Afeganistão	21
BARBIE ZELIZER	

Este artigo fala sobre a dependência dos *media* noticiosos relativamente a fórmulas repetidas no que às imagens de pessoas em situação de morte iminente diz respeito. Tendo em consideração um exemplo deste tipo de representação – a cobertura fotográfica pelo jornalismo americano dos assassinios de talibãs pela Aliança do Norte durante a guerra no Afeganistão –, o artigo analisa o aparecimento destas imagens e a sua reciclagem estratégica nos *media* noticiosos americanos e mostra como as agressões e as mortes dos talibãs foram retratadas de maneiras que ficam aquém da proclamada objectividade jornalística e da intenção de documentar de forma abrangente os acontecimentos da guerra. O artigo demonstra que, ao fazê-lo, o jornalismo americano foi incapaz de levantar certas questões acerca da natureza da aliança entre os Estados Unidos e os seus aliados na frente norte do Afeganistão.

Palavras-chave: Afeganistão, Imagens, Jornalismo, Morte, Tempo de guerra

Representing pain in literature and film: reflections on *Die Brücke*
(*The Bridge*) by Manfred Gregor and Bernhard Wicki..... 55

CHRISTIANE SCHÖNFELD

O artigo foca as representações da violência, dor e morte no romance de Manfred Gregor, *Die Brücke (A Ponte)*, 1954/58, e a sua adaptação para o cinema por Bernhard Wicki (1959). Neste contexto vou discutir a incapacidade de partilha da dor e o conjunto de diálogos que daí podem resultar. O filme de Bernhard Wicki representa a dor de modo tão produtivo que foi considerado um dos mais brutais filmes antiguerra alguma vez projectados no ecrã. Na altura, *A Ponte* foi considerado um dos mais poderosos filmes antiguerra alguma vez feitos e muitos ainda acreditam que o seja. Embora o romance represente de modo perspicaz os horrores, a dor e a loucura da guerra, este efeito, como diria André Bazin, é «multiplicado pelo cinema».

Palavras-chave: Bernard Wicki, Cinema de escombros, Pós-Guerra

Filmes onde a morte paira

Duas faces: *Solaris* e *O Quarto do Filho*..... 77

CARLOS CAPUCHO

Ao encontro da relevância que a matriz judaico-cristã sempre concedeu ao fenómeno decisivo da morte, o cinema, desde os seus primórdios, sempre construiu narrativas onde aquela realidade está presente. Uma vez como interrogação/perplexidade, outras exibindo a violência indutora de morte como espectáculo. Um veículo mais específico de morte no cinema é-nos trazido pelo género guerra. Neste quadro, inúmeros realizadores propuseram filmes que revelam a insensatez da guerra como veículo de destruição e de morte. Com *Solaris*, de Tarkovski, e *O Quarto do Filho*, de Moretti, pretende-se propor e analisar duas obras cinematográficas que, de forma muito diversa, colocam uma reflexão filosófica, no primeiro caso, e existencial, no segundo, sobre a presença da morte no mundo dos vivos.

Palavras-chave: Angústia, Cinema, Esperança, Filosofia, Morte, Psicanálise, Psicologia, Religião, Símbolo, Vida

Violência e cinema: um olhar sobre o caso brasileiro hoje 95

MÁRCIO SELIGMANN-SILVA

O texto apresenta uma discussão sobre a apresentação da violência no cinema feito no Brasil nos últimos anos. Enfocando sobretudo *Carandiru*, de Hector Babenco (2003), e *Tropa de Elite*, de José Padilha (2007), o ensaio desenvolve uma discussão sobre a utilização do dispositivo trágico (sobretudo dos conceitos de medo, piedade e catarse) nestas obras. Ele discute também o

significado de obras calcadas em um discurso politicamente correto (o caso do *Carandiru*) e as confronta com a proposta de Padilha de narrar seu filme a partir do capitão Nascimento, um membro de um batalhão das forças de elite da polícia. Tratando do modelo do *western*, o artigo pensa em outros géneros nos quais a anomia da sociedade é abordada cinematograficamente, criando figuras fortes e violentas como meio de enfrentar este estado de suspensão da lei.

Palavras-chave: Anomia, Cinema brasileiro, Cinema e violência, Compaixão, Dispositivo trágico, Representação da dor

Lost Highway, de David Lynch: na denegação da dor,

a ancoragem da(s) narrativa(s) 109

MÁRIO AVELAR

Em *Lost Highway*, David Lynch recorre a um dos tópicos mais relevantes da cultura americana, a estrada, para realizar uma leitura irónica dessa mesma cultura. Devedora da psicologia lacaniana, a estrutura do filme sustenta um processo de fuga ao real e à responsabilidade ética do indivíduo. A dificuldade de leitura do filme e o mistério que o percorre são desmontados através de uma análise dos elementos que compõem aquela estrutura, como a sutura e a *Moebius strip*.

Palavras-chave: Estrada, Ethos, Mistério, *Moebius strip*, *Psychogenic fugue*, Sutura

Reflexões sobre a dor 123

MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES

O tema da dor tem sido tratado, ao longo do tempo, pelos mais variados escritores. Trata-se da resposta a uma perda pessoal e, embora centrada na reacção emocional, tem também dimensões físicas, sociais e comportamentais. Neste artigo, referem-se algumas reflexões sobre o tema, procurando diversificar as perspectivas de que é abordado. Mencionam-se autores tão diferentes como C. S. Lewis, que propõe uma solução possível para o problema da dor, que tanto tem angustiado filósofos de todas as religiões, ao afirmar que um mundo sem dor é logicamente impossível; Martha Nussbaum, que pensa que a vergonha e aversão causadas pelo castigo também se podem considerar como parte do conceito de dor; e Susan Sontag, com a sua visão do horror e do sofrimento causados pela guerra e da sua relação com o mundo das imagens. O artigo termina com alguns comentários finais sobre as perspectivas apresentadas e sobre o tema em geral.

Palavras-chave: Castigo, Dor, Guerra, Imagens, Vergonha

A catarse do fogo: a simbologia do fogo nos ecrãs da televisão 139

FERNANDO ILHARCO

Centrando-se nos distúrbios de Novembro de 2005 em Paris, durante os quais foram queimados milhares de automóveis, este artigo propõe uma análise fenomenológica e semiótica do fogo nos ecrãs da televisão. Porque na *terceira ordem de simulacro* (Baudrillard, 2004/1981) o fogo na televisão é apenas informação, questionamo-nos sobre o que nos informam as chamadas no ecrã? Hoje o fogo é tanto o símbolo que sempre foi, como um *media* para uma hiper-realidade *ecranizada*, contextualizada pela abundância de bens e pelo universo dos telemóveis, da MTV, da Internet e da publicidade. Neste artigo utilizamos algumas das noções desenvolvidas por Jean Baudrillard, como a *troca simbólica* e a sua interpretação de *potlatch*, e a concepção da catástrofe como defesa, para tentar mostrar como os fogos nos ecrãs da televisão são, simultaneamente, causa e consequência do regime hiper-real em que vivemos, bem como uma troca simbólica paradoxal que re-alimenta o enquadramento hiper-real da sociedade hiper-real do século XXI.

Palavras-chave: Fogo, *Ge-stell*, Hiper-realidade, Simulacro, Televisão

As dores de Filoctetes 155

JORGE VAZ DE CARVALHO

Filoctetes de Sófocles é o paradigma para avaliar a dor e sua representação estética. A função de educação moral da arte leva o século XVIII alemão a discutir a expressão da dor: deve ser contida ou exteriorizada? A atitude pessoal varia segundo a resistência, circunstâncias, regras sociais, integração em referências culturais. A dor não consiste só nos sinais neurotransmitidos da lesão ao cérebro. Implica a totalidade do ser, nas suas tonalidades psicológicas, afectivas, morais, volitivas. Ela rompe o ritmo da existência, desfigura a identidade, desarticula o discurso. Intransferível, gera limitações. Prova singular, expõe a possibilidade universal de sofrer. Muda a compreensão da realidade. Suscita a questão ontológica essencial: o sentido do ser vivo consignado ao sofrimento e à aniquilação.

Palavras-chave: Dor, Filoctetes, Representação estética, Sentido humano

entrevista..... 171

Entrevista a Michael Schudson 173

ROGÉRIO SANTOS E GONÇALO PEREIRA

recensões..... 181

Stuart Allen e Barbie Zelizer, *Reporting War: Journalism in Wartime*
(RITA FIGUEIRAS)

Rogério Santos, *Indústrias Culturais: Imagens, Valores e Consumos*
(ANTÓNIO PINTO RIBEIRO)

Daniel Pink, *A Whole New Mind – How to thrive in the new conceptual age*
(ROBERTO CARNEIRO)

Isabel Capelo Gil, *Mitografias. Figurações de Antígona, Cassandra e Medeia no drama de expressão alemã do século XX*
(ANTÓNIO SOUSA RIBEIRO)

montra de livros..... 197

teses defendidas..... 203

agenda 207

abstracts 211

próximos números 217

normas para o envio de artigos e recensões 221

Editorial

Mediatização da dor

LUÍSA LEAL DE FARIA *

Quando o volume 5.º da revista *Comunicação & Cultura*, dedicado ao tema «mediatização da dor», foi planeado, o nosso colega Horácio Peixoto Araújo adoeceu, com a doença que, menos de um ano depois, o havia de levar de entre nós. A publicação que agora se completa serve de homenagem a um amigo e colega que, ao longo de várias décadas, dedicou o melhor das suas qualidades à Faculdade de Ciências Humanas e à Universidade Católica Portuguesa. O Horácio foi chamado a colaborar desde a primeira hora no projecto, então inovador, da criação do curso de Comunicação Social e Cultural. Vindo da Literatura Portuguesa, dedicou a sua investigação ao estudo de textos que contribuiriam decisivamente para lançar nova luz sobre o papel da cultura portuguesa na Ásia Extrema, no século xvii. Não pôde levar mais longe ainda estes estudos, como tanto desejava, porque as suas qualidades humanas foram postas ao serviço dos outros, sobretudo dos alunos e colegas do curso de Comunicação, de que foi coordenador pedagógico durante mais de uma década. A incansável dedicação, a lealdade absoluta, a infinita paciência, a generosidade inextinguível com que se dedicou à Faculdade, pondo sempre os interesses desta à frente dos seus, fizeram do Horácio a referência a quem todos recorriam para resolver problemas, sabendo encontrá-lo sempre com um sorriso e com a disponibilidade rara de quem se concentra por completo naqueles que pedem

* Vice-reitora da Universidade Católica Portuguesa; professora catedrática da Faculdade de Ciências Humanas.

ajuda. Com a humildade autêntica dos que pensam nos outros primeiro, nunca buscou para si reconhecimento ou privilégios. Mas deixou, em todos quantos com ele se cruzaram, o privilégio de o terem conhecido. Queremos reconhecer a marca da sua presença entre nós, do bem que espalhou à sua volta, dedicando-lhe este volume que de diversas formas reflecte a dor de perder alguém, e com ele assinalar, simbolicamente, o luto da Faculdade de Ciências Humanas.

O núcleo de artigos que integra este volume percorre um amplo leque de perspectivas teóricas sobre representação e mediatização da dor. Sem cair no lugar-comum extremo de dizer que «o meio é a mensagem», tornar-se-á claro, na leitura destes ensaios, que o meio determina, sem dúvida, as formas de comunicação da temática centralmente analisada, a dor. A fotografia, o filme, a televisão, a reportagem, a poesia lírica ou a tragédia, a filosofia ou a ciência política são diferentes meios, sujeitos a diferentes regras de codificação e descodificação, analisados nas diferentes peças deste volume.

A utilização de imagens, em particular imagens fotográficas, em tempo de guerra, é objecto da análise do primeiro estudo deste volume. O estudo da representação da morte, ou da morte iminente, através de fotografias seleccionadas para reprodução na imprensa conduz a crítica de Barbie Zelizer a uma poderosa análise dos meios de comunicação norte-americanos de referência, e das estratégias de comunicação contidas nas representações visuais da morte. O reconhecimento da ambivalência contida na informação que é transmitida sobre o que acontece realmente nos teatros de guerra conduz a análise de Zelizer a um primeiro enfoque, de carácter mais generalista, ao estudo do modo como funcionam as imagens em notícias de guerra. A avaliação do poder das imagens por jornalistas e editores de jornais completa-se com o potencial de utilização visto pelos políticos e outras autoridades, e com os efeitos criados no público. Centralmente, nesta parte do estudo, contactamos com uma temática fundamental para os estudos de representação visual, o poder denotativo e conotativo da imagem fotográfica. Mas a ancoragem de Zelizer num conjunto de imagens directamente relacionadas com episódios recentes e polémicos das guerras travadas no Iraque e no Afeganistão alargam os significados imediatos e directos das fotografias para o seu potencial ético e para a construção de políticas de informação ainda experimentais, mas de fundo impacto na construção da opinião pública. O papel das imagens como catalisadores da emoção e instrumentos da formação da opinião inverte a sua função subsidiária à notícia, e dá-lhes o protagonismo maior. A escolha de imagens de morte iminen-

te para publicação, no lugar das fotografias de morte explícita, assume um poder mais complexo, que a autora resume nas seguintes palavras: «Embora se possa pensar que as imagens de morte facilitam o processamento da informação que é central às notícias, as imagens de morte iminente obrigam, pelo contrário, a uma identificação subjectiva com a vítima e atrasam o processamento de informação associado às notícias. Neste sentido, a imagem de morte iminente funciona como um veículo controverso para a transmissão da informação.»

É este «veículo controverso» que está em estudo, como as abundantes notas ao texto também demonstram. O ensaio de Barbie Zelizer aqui publicado avança já com uma análise rigorosa de um conjunto de imagens publicadas ao longo de mais de uma década sobre a guerra no Afeganistão, fazendo passar pelo crivo fino das possíveis leituras do seu significado imediato e simbólico as ambiguidades das políticas externas norte-americanas e das suas relações com os órgãos de comunicação e com a formação da opinião pública. Do texto de Zelizer sobressai a necessidade de analisar criticamente as imagens de guerra e a ambivalência de que muitas vezes estas se revestem, como elementos subversivos e problemáticos na erosão do «consenso, apenas parcialmente reconhecido, através do qual os acontecimentos se tornam compreensíveis». A morte iminente, retratada e publicada em lugar da morte declarada, contribui, segundo Zelizer, para reforçar as escolhas estratégicas das políticas de guerra e agressão, e para prolongar os consensos necessários à sua continuação. Segundo a autora, «as imagens de morte em tempo de guerra precisam de ser vistas, independentemente de existirem palavras que as possam enquadrar de forma mais ou menos corrosiva, óbvia ou vantajosa. Em tempo de guerra, um corpo social saudável não merece menos do que isso».

O poder de representação do texto como palavra e como imagem é explorado por Christiane Schönfeld, num estudo da adaptação do romance *Die Brücke*, de Manfred Gregor, ao cinema, para o filme com o mesmo título de Bernhard Wicki. A representação da violência, da dor e da morte, que nos aproximam da pessoa que sofre e nos recordam a nossa natureza humana, envolve-nos numa espécie de altruísmo abstracto e no entanto absoluto, parafraseando a autora. Porém, a noção de que é impossível partilhar a dor através da sua representação, como defende Elaine Scarry, é contestada por Schönfeld nesta leitura do filme de 1959 de Wicki e do romance de Gregor, de 1954-58. O contexto temporal, situado no final da Segunda Guerra Mundial, e o contexto ideológico da pátria nazi, do heroísmo em dar a vida em sua defesa, do impacto destes valores na imaginação de sete adolescentes, chamados a defender uma ponte indefensável já nos estertores de uma guerra perdida, proporcionam o contorno cultural de um estudo sobre o ritual de passagem, da adolescência para a idade adulta e, neste caso, para a morte.

As três fases do ritual de passagem – a separação, a transição e a incorporação – são lidas como representação simbólica, cruel e destrutiva, da Alemanha nazi. A tragédia pessoal, assinalada no romance em tom autobiográfico, transforma-se em declaração política no filme. Ao revisitarem, dez anos mais tarde, a tragédia dos sete adolescentes sacrificados na defesa da ponte, com um sobrevivente que relata a sua memória desse episódio, ambos os autores tomam posição perante o branqueamento dos horrores da guerra no período de reconstrução da Alemanha e participam na criação de uma «cultura da memória», como diria Huyssen em «Denkmal und Erinnerung im Zeitalter der Postmoderne». Ao analisar os dois discursos, o texto de Schönfeld transcende os objectos de análise e contextualiza-os numa teia de outros textos comprometidos com a preservação da memória do Holocausto. Ao recriar a violência, o medo, a dor, a perda e a ausência, o romance e o filme despertam no leitor e no espectador a partilha da dor sofrida pelos sete adolescentes na ponte, a futilidade do seu sacrifício, a insanidade da guerra. Para Schönfeld, ambas as obras, texto e imagem, produzem a participação do leitor e do espectador no ritual de passagem que ficou incompleto, apelam à sua humanidade e contribuem para que possamos, hoje, escolher de outro modo, e completar o ritual de passagem.

É também a representação da morte no cinema que oferece a Carlos Capucho o travejamento em que assenta uma reflexão sobre a morte na matriz religiosa e cultural judaico-cristã, como lugar de iniciação e rito de passagem. Percorrendo rapidamente um conjunto de filmes desde os primórdios do cinema, o autor evidencia o poder e a importância da sétima arte na reflexão e na construção de estereótipos, de imagens e de referências subtis e indirectas sobre a morte e a relação da morte com a vida e com a transcendência na cultura ocidental tardo-moderna. A análise dos filmes *Solaris*, de Andrei Tarkovski (1972), e *O Quarto do Filho*, de Nanni Moretti (2001), aparentemente diversos, no tempo, na cultura envolvente, na temática, na dicção cinematográfica, oferecem porém ao autor a oportunidade de dialogar com dois objectos de estudo que têm a morte no seu centro, e permitem explorar uma extensa e variada paleta de sentimentos e associações.

A violência e os modos como ela é olhada e tratada no cinema brasileiro contemporâneo constituem as temáticas centrais do estudo de Márcio Seligmann-Silva. Partindo da construção de um conceito – o de *dispositivo trágico* – presente na crítica literária desde que Aristóteles deu forma à noção de tragédia, e analisando o poder da catarse e do trauma na óptica de Walter Benjamin, o autor vê o cinema como o meio que incessantemente reproduz e multiplica aquele dispositivo. Em particular interessa-lhe caracterizar o cinema brasileiro

recente, não obstante a dificuldade em atribuir características especificamente «nacionais» a uma forma de expressão globalizada como é o cinema. É nas fronteiras entre a vida e a obra de arte que Seligmann-Silva procura cartografar a identidade própria do cinema brasileiro, destrinchando nele as matrizes «auto-mito-biográficas» ou documentais, bem como as tendências «indiciais e anti-ilusionistas», por oposição a uma tradição metaforizante, que porventura partilha com o cinema norte-americano e europeu surgido depois da Segunda Guerra Mundial. Tomando como peças nucleares para a análise dois filmes, *Carandiru* (2003), de Hector Babenco, e *Tropa de Elite* (2007), de José Padilha, Seligmann-Silva percorre uma extensa paleta de associações intertextuais com a literatura e outros filmes brasileiros e norte-americanos (da tragédia ao *western*), sublinhando as diferentes formas de representação da violência e os seus impactos estéticos e éticos. A eliminação do *homo sacer*, a «escória ou lixo de uma sociedade que precisa deste sacrifício para se afirmar» é interpretada no cinema brasileiro por Seligmann-Silva como ambivalente, gerando simultaneamente horror e compaixão, podendo servir como dispositivo de integração dos excluídos, ou como reforço de um «esquema sacrificial e marginalizador» de que as classes médias brasileiras necessitam para viver numa sociedade dilacerada pela violência e fragmentada por fundas rupturas económicas e sociais. O papel simbólico-político do cinema brasileiro contemporâneo é sublinhado, fugindo da atribuição de rótulos como «neo-realismo», «narcisismo às avessas» ou «naturalismo cruel», para se centrar no estudo do dispositivo mimético-trágico e do seu significado no cinema contemporâneo.

O estudo de outro filme, *Lost Highway* (1997), de David Lynch, oferece a Mário Avelar a oportunidade de interpelar a estranheza e a opacidade da imagem, linear e transparente na aparência, por baixo da qual se escondem os conflitos, as fragmentações, as rupturas da pós-modernidade. Tomando a «estrada» como metáfora de progresso, origem e destino da cultura americana, mas também como signo da visibilidade dos grandes espaços, da experiência singular, da regeneração, da contestação do mito, da degeneração, o autor foca o *road film* como género cinematográfico, e em particular *Lost Highway* como lugar de subversão dos códigos lineares de outros *road movies*. O conceito de «sutura», a analogia com o «Moebius strip» ou o «retorno do reprimido», a noção de palimpsesto oferecem a Mário Avelar instrumentos de análise da composição do filme de Lynch, através dos quais procura decifrar a opacidade de um objecto que resiste a interpretações convencionais. Assim, este estudo é também um ensaio experimental, onde se testam diversas ferramentas de análise, desde as conceptuais às formais, e onde se confrontam diferentes modelos cinematográficos. Freud, Lacan, Derrida con-

tribuem para a problematização conceptual; a sutura, o «Moebius strip», o palimpsesto, para a interpretação da estrutura da narrativa ou para a desconstrução da mesma; o estudo formal da cor usada no filme contribui para a associação com outros códigos e outros autores, como Hitchcock e o *film noir*. O filme de Lynch proporciona um levantar de questões que sublinham a instabilidade das respostas, a impossibilidade de coerência dentro de modelos conhecidos pela sua subversão numa «estratégia disruptiva». A «estrada» é interpretada como metáfora da «fuga psicogénica», a perda da memória, da identidade, das referências que produzem significado. A possibilidade de construção de sentido através da dor fica, no final deste estudo, como resposta provisória à estranheza gerada por este filme, à opacidade deliberada da sua construção.

Com fundamentação teórica em Baudrillard, McLuhan e Heidegger, Fernando Ilharco desenvolve um estudo sobre a simbologia do fogo nos ecrãs de televisão. Articulado, na primeira parte, a construção de significados simbólicos atribuídos, ao longo dos tempos, ao fogo, com a sua representação na publicidade e nas notícias contemporâneas, transmitidas pela televisão, Ilharco remete esse significado simbólico para o Dia do Juízo Final. Na segunda parte do estudo, invocando uma sucessão de eventos, desde as mediáticas entregas de prémios até à transmissão em directo de acontecimentos violentos no mundo, passando pela difusão da cultura popular através da MTV, o autor sublinha a articulação entre a realidade e a hiper-realidade, e a sobreposição da segunda à primeira. Ao seleccionar, como exemplificação mais sugestiva, uma série de acontecimentos catastróficos, como a violência nos subúrbios de Paris em 2005, os atentados terroristas de Londres no mesmo ano, os fogos de Verão em Portugal, também em 2005, e por último a catástrofe do Katrina em Nova Orleães, Fernando Ilharco evoca uma nova cultura de violência, globalizada, que poderá, eventualmente, enfraquecer os centros de poder, mas que apropria, através do ecrã de televisão, o imaginário colectivo, numa metáfora globalmente entendida – o fogo, como representação do último dia.

Num registo diferente, os estudos de Laura Pires e de Jorge Vaz de Carvalho remetem para o texto escrito e para uma genealogia de reflexão e de representação da dor própria da cultura ocidental.

Laura Pires examina a dor sob três ângulos diversos. Primeiro, partindo de C. S. Lewis, reflecte sobre a dor da perda de um ente querido, numa aproximação que se situa no âmbito da religião. Depois, detém-se no domínio da ética e do direito, ao examinar a relação entre o crime o castigo, e a dor provocada pelo último, com referência a filósofos como Kant, Rousseau e os utilitaristas, em linhas de pensamento moral que amadurecem em teses opostas nas obras de Lord Devlin e

de Martha Nussbaum. Por último, passa à análise de uma terceira perspectiva de representação da dor, em obras de Susan Sontag, onde centra uma apreciação da representação da realidade através de imagens na comunicação social, evidenciando o carácter ambivalente das respostas solicitadas às imagens de violência, como as fotografias de guerra.

Com o estudo sobre «As dores de Filoctetes», Jorge Vaz de Carvalho proporciona ao leitor a revisitação do mito clássico na cultura ocidental, desde a sua representação por Sófocles, até à sua discussão na modernidade. De Fénelon a Gide, passando por Winckelmann, Lessing ou Herder, o tratamento da dor, seja na escultura, na obra literária ou no palco, precipitado pelo motivo extremo e exemplar que é Filoctetes, abre-se a um leque de considerações estéticas, não raro interpretadas no quadro spatiotemporal que determina a especificidade da teoria (por exemplo, a crítica literária francesa e a alemã não percorrem linhas convergentes; a interpretação de Filoctetes varia com o tempo). Pela mão do autor, percorremos um universo de textos que, pelo seu poder de evocação ou de representação – a tragédia é para ser representada –, declinam a estética da dor em vários registos. Mas as dores de Filoctetes não ficam encapsuladas nas tragédias ou nos libretos que ao longo de séculos retomaram esta figura e a procuraram representar, em discurso directo o indirecto. As dores de Filoctetes assumem, neste estudo, a dimensão universal da dor, física e moral, da ferida, do abandono, da injustiça, da traição, que muda «a consciência do mundo, produz um modo alterado de conhecimento, uma diferente cosmovisão».

Os estudos reunidos neste volume da revista *Comunicação & Cultura* percorrem, como se viu, um amplo espectro de referências temporais e enfrentam a diversidade e a fragmentação da cultura tardo-moderna, seja pela abordagem aos recursos disponibilizados hoje pelos meios de comunicação de massas e pela necessidade da sua decifração, de interpretação e de leitura crítica dos mesmos, seja pela pluralidade de respostas que geram. Presente em cada um destes estudos está uma inteligência decidida a apreciar as implicações éticas da cultura contemporânea, apostada num compromisso crítico que não busca uma aparente neutralidade, mas que reclama o envolvimento com o seu tempo e com os motivos e valores da «cultura ocidental». Na erosão das «diferenças» em que vive a cultura contemporânea da globalização, estes textos procuram o universal no particular, e sublinham, cada um a seu modo, a universalidade da dor na pluralidade das suas representações específicas, mediatizadas através de diversos suportes, cuja inteligibilidade pareceu assegurada, até há algum tempo, pela convicção de partilha social de códigos comuns de referência. O conjunto destes estudos gera, no entanto, um sentimento inescapável de inquietação dian-

te da vulnerabilidade das estruturas éticas em que assentam os valores da vida e da morte, da dor e do sofrimento nas sociedades contemporâneas, assaltadas e submergidas por poderosíssimas indústrias de comunicação política, social e de entretenimento, que manipulam com maior ou menor subtileza e destreza, os sentimentos, as vontades, a imaginação.

Por isso é tão importante aprender a ler a imagem. E essa aprendizagem apenas pode fazer-se com o domínio do contexto, da alusão, da decifração da teia de significados simbólicos a ela associados. Este volume é exemplo de leituras exemplares.